



Performatividades de Género: Discursos e Representações de um Grupo de Irmãs Religiosas Católicas

Gender Performativities: Discourses and Representations of a Group of Catholic Nuns

Emanuel Oliveira

Ana Sofia Neves

Instituto Superior da Maia (ISMAI)

Resumo

O presente documento analisa as performatividades de género de irmãs religiosas católicas portuguesas. A partir de um estudo qualitativo procurou perceber-se se as performatividades de género de um grupo de irmãs religiosas são constrangidas pelos discursos e representações oficiais da Igreja Católica. Procurou-se também analisar de que modo estas mulheres caracterizam as relações sociais de género e se posicionam face às noções de feminilidade e masculinidade tradicionalmente propagadas pela ordem de género (Connell, 2009) e, mais concretamente, pelo regime de género da Igreja Católica. Para tal realizaram-se 7 entrevistas individuais semiestruturadas a irmãs religiosas católicas residentes em instituições da região do Grande Porto. Os dados recolhidos foram tratados através de uma análise de conteúdo. Concluiu-se que as irmãs religiosas são efetivamente constrangidas pelos discursos e representações da Igreja Católica, performatizando o género por via da reprodução e reiteração de conceções tradicionais de feminilidade e masculinidade. O género é por elas materializado nas ações quotidianas, tendo por base prescrições institucionais e sociais altamente conservadoras.

Palavras-Chave: Performatividades de Género; Igreja Católica; Irmãs Religiosas

Abstract

This paper explores the gender performativities of Portuguese Catholic religious nuns. Based on a qualitative study, we intended to understand if gender performativities of a group of religious nuns are constrained by the official discourses and representations of the Catholic Church. We also intended to analyze these women's perspectives about gender social relations and their positions towards femininity and masculinity conceptions traditionally propagated by the gender order (Connell, 2009) and, concretely, by the Catholic Church gender regime. For that purpose 7 individual semi-structured interviews were conducted with nuns living in institutions located in Oporto Metropolitan area. Data was analyzed through a content analysis. It was concluded that nuns are, in fact, constrained by the discourses and representations of Catholic Church, performing gender through reproductions and reiteration of traditional conceptions of femininity and masculinity. Gender is materialized by them through daily actions, based on institutional and social prescriptions highly conservative.

Keywords: Gender performativities; Catholic Church; Nuns

Introdução

Embora a Igreja Católica pareça estar implicada na promoção da igualdade entre os sexos, como consequência da reivindicação dos direitos das mulheres e da mudança da sua situação social (Knödel, 1997), nas últimas décadas, os seus discursos e representações oficiais continuam a sublinhar a diferenciação e a hierarquização sexual, (re)colocando tendencialmente o sexo feminino na esfera *privada* e o sexo masculino na esfera *pública*. Confinando as mulheres aos seus papéis *tradicionais*, o de esposas e o de mães, a Igreja Católica tem favorecido a manutenção de uma visão redutora sobre a ocupação social e o estatuto de cada um dos sexos, remetendo-os para espaços de atuação diferenciados, especialmente em termos dos usos do poder. A promoção da igualdade sexual por parte da Igreja Católica e dos seus representantes, assente no pressuposto da especificidade e da dicotomia dos sexos e, assim, na lógica da complementaridade, ao invés de esbater a clássica distância entre o *público* e o *privado*, tem-na acentuado.

Este artigo procura compreender se um grupo de irmãs religiosas católicas portuguesas se sente constrangido, em termos das suas performatividades de género, pelos discursos e representações oficiais da Igreja Católica. Assume-se neste texto a influência dos discursos conservadores desta instituição sobre a família, especialmente sobre o papel das mulheres na família, e sobre as pertenças sociais de cada sexo, no modo como as irmãs religiosas católicas portuguesas pensam e fazem o género.

As mulheres e a Igreja Católica

Os discursos da Igreja Católica em torno do ideário feminino exaltam o poder das mulheres no contexto da família, enaltecendo a sua capacidade *natural* para procriar e cuidar. A argumentação biológica, ancorada na premissa do instinto, serve não raras vezes para justificar as diferenças sexuais entre os homens e as mulheres, sendo estas frequentemente responsabilizadas pela preservação da harmonia familiar e pela educação dos/as filhos/as.

Os textos eclesiais disponibilizam protótipos de feminilidade, sugeridos como ideais dogmáticos, dos quais as mulheres se devem aproximar (Toldy, 1998). O Papa João Paulo

II, num texto redigido em 1995, agradeceu às mulheres esposas por se unirem aos homens e, assim, garantirem a conjugalidade e a sucessão geracional. O atual Papa, por sua vez, e baseando-se nas proposições dos seus predecessores, aconselhou as mulheres a viver em profunda comunhão com os homens (Papa Bento XVI, 2009), destacando o seu papel de esposas e de mães como o cerne da condição feminina. Realçou inclusivamente o exercício da maternidade pelas mulheres como um passo de suma relevância na promoção dos direitos humanos, uma vez que as mulheres são, pela sua natureza, altamente capacitadas para o cuidado ao outro.

De acordo com a Igreja Católica, também a virgindade é anunciada às mulheres como um modelo a seguir antes do casamento. A vocação maternal, que advém da espiritual, habilita as mulheres a cuidar dos mais necessitados (Toldy, 1998), devendo estas viver em relação esponsal com Jesus Cristo (Papa João Paulo II, 1988). Para a Igreja, a aproximação à mulher ideal - Maria - deve ser um ensejo de todas as mulheres (Toldy, 1998), valorizando-se nestas a castidade, a pureza e a devoção. Procurando minorar a tensão entre deixar de ser virgem e passar a ser mãe (Carr, 1993 citado por Alves, 1994), o Papa João Paulo II (1995) atribuiu às mulheres a função educativa, incitando-as à maternidade afetiva, cultural e espiritual.

Estas evidências, a par de outras, ilustram bem a assunção da especificidade sexual das mulheres por parte da Igreja Católica e, mais concretamente, por parte dos seus mais altos representantes. Sendo estes discursos propagados quer interna, quer externamente, o seu impacto será certamente sentido nas mulheres que professam a religião católica e, mais significativamente, nas irmãs religiosas.

Género e Performatividades: Expressões culturalmente inscritas

Para Judith Butler (1990), o género é algo que se reproduz socialmente e se materializa em ações contínuas e repetidas no tempo e nos espaços. Nesta ótica, a feminilidade e masculinidade não são traços estáveis dos indivíduos, fixos e prévios, mas antes construções contingentes e contextuais (Butler, 1990, 1993; Pereira, 2009). Assim, segundo a autora, não existem identidades de género, mas

sim expressões de género, fortemente condicionadas por prescrições culturais. Como a própria afirma (Butler, 2008) “se o género é uma forma de existir o próprio corpo é uma situação, um campo de possibilidades culturais ao mesmo tempo recebidas e reinterpretadas, então o género como o sexo parecem ser questões completamente culturais” (p. 161).

As expressões de género são performativamente constituídas (Butler, 1990), criando a ilusão da existência de um núcleo binário de organização da sexualidade, que é alimentado pelos discursos e pelas práticas que deles decorre com o objetivo da regulação da conduta humana. Neste sentido, a conceptualização do género como estrutura binária tende a reproduzir modos pré-estabelecidos de interpretação do corpo sexuado (ou assexuado). Isto equivale a dizer que modos de interpretação que se distanciem da estrutura binária de género são habitualmente considerados marginais ou desviantes.

A análise em torno das performatividades de género de homens e de mulheres pressupõe este enquadramento sociocultural, na medida em que a reprodução da feminilidade ou da masculinidade se inscreve numa estrutura que é claramente prescritiva e, desse ponto de vista, em muitas situações, constrangedora da ação.

Homens e mulheres, de diferentes proveniências culturais, com diferentes idades, expostos/as a diferentes condições socioeconómicas e com diferentes orientações sexuais (apenas para citar alguns exemplos), são sujeitos a pressões externas e internas que os/as impelem à conformidade, sob pena de não lhes ser reconhecida uma identidade pré-fixa, aquela que melhor obedecerá, porque assim foi convencionado, às expectativas sociais em torno do que é ser (*verdadeiramente*) homem ou mulher.

Das irmãs religiosas, mulheres devotas a Deus e à Igreja Católica, espera-se um compromisso eterno com a religião e os preceitos que ela implica (Brock, 2007). Sendo-lhes negado o direito à procriação e exigido o voto de castidade, as irmãs religiosas são concebidas pela Igreja Católica como mulheres submissas a um Deus masculino. As expressões de género das irmãs religiosas, os seus discursos e representações em torno do que é ser mulher ou

homem, feminino ou masculino são, à semelhança do que sucede com as demais mulheres e homens, balizadas pelos discursos sociais. No caso das irmãs religiosas, estes discursos adquirem o estatuto de dogmas religiosos e, desse ponto de vista, dificilmente são questionados ou postos em causa. O ideário de feminilidade das irmãs religiosas parece ser exacerbado pela exigência da devoção a uma entidade divina, a uma instituição que a materializa e a uma doutrina que institui modos concretos de ser e de estar enquanto mulher e, mais do isso, enquanto mulher irmã religiosa.

De acordo com Albert Mills e Catherine Ryan, em 2001, a identidade das irmãs católicas são construídas e reguladas pela Igreja Católica, uma instituição patriarcal que age com base na noção de domínio sobre os seus membros.

Tal como acontece na construção das expressões de género de outras mulheres, em que são incorporadas práticas e discursos que a sociedade determina como adequados ao seu sexo, as irmãs religiosas aprendem a ser mulheres, e a ser irmãs religiosas, através de um conjunto de práticas e valores prescritos como normativos pela Igreja Católica. No seio destas prescrições algumas ações são consentidas e incentivadas, enquanto outras são-lhes vedadas. São realizados rituais, são definidas vestes, rotinas e tarefas. É definido o que é pecado e elogiado o sacrifício. Supõe-se que ser mulher, e ser concretamente uma irmã religiosa, compreende modos específicos de pensar e de agir. As expressões de género são assim determinadas pelo chamamento de Deus, o qual as orienta para o seguidismo e para o amor incondicional (Congregation for Institutes of Consecrated Life and Societies of Apostolic Life, 2002 citada por Brock, 2007). As performatividades de género parecem assim ser fortemente condicionadas pela relação sponsal que mantêm com Deus, sendo proclamada a fecundidade espiritual (Brock, 2010).

Método

O presente estudo é de natureza qualitativa, procurando a análise dos dados a compreensão de particularidades e não o estabelecimento de leis gerais (Almeida & Freire, 2003). Neste sentido, procura-se dar voz às mulheres religiosas católicas portuguesas, com o objetivo de compreender se as suas performativi-

dades de género são constrangidas pelos discursos e representações oficiais da Igreja Católica.

Caracterização das participantes

As participantes deste estudo são 7 mulheres irmãs religiosas que exercem a sua atividade em várias congregações católicas localizadas na região do Grande Porto, no norte de Portugal. As idades das participantes variam entre os 32 anos e os 88 anos e todas elas são de nacionalidade portuguesa. 2 concluíram o Magistério Primário¹, 3 são licenciadas, 1 é pós-graduada e 1 tem a escolaridade mínima obrigatória. 6 das 7 mulheres desempenham nas respetivas congregações cargos de orientação, de coordenação ou de organização de atividades.

Instrumentos/técnicas de recolha e análise de dados

Para a recolha de dados utilizou-se um guião de entrevista semiestruturado individual, o qual contém 9 blocos de questões: 1) apresentação da participante, 2) significações de género, 3) papéis e expectativas de género, 4) igualdade de género, 5) religião, 6) catolicismo, 7) vida religiosa, 8) expectativas e papéis de género face à religião católica e 9) género e personagens bíblicas. As entrevistas² foram realizadas nas congregações e tiveram a duração média de uma hora. Foram posteriormente sujeitas a uma análise de conteúdo temática.

Resultados e Discussão

Para as irmãs religiosas, as mulheres, no geral, desempenham fundamentalmente o papel de mães e o seu amor pelos outros sobressai como característica distintiva da sua feminilidade “a psicologia da mulher é a maternidade” (Entrevistada n° 4, entrevista pessoal, 16 de setembro de 2010).

A feminilidade caracteriza-se assim pela expressão do afeto, pela sensibilidade, pelo acolhimento, pelo cuidado e intuição, propriedades primordialmente associadas à maternidade e reconhecidas como específicas do sexo feminino. Ser mulher parece implicar ser-se mãe, a suprema vocação do sexo femi-

nino, argumento defendido em vários textos eclesiais. A título ilustrativo, recorde-se um dos textos do Papa João Paulo II (1995), onde se agradecia às mulheres o facto de serem mães e se lembrava a necessidade das mesmas não descuidarem a maternidade investindo, por exemplo, noutros domínios, como a profissão. Apenas uma das participantes defende a necessidade da conciliação entre a vida familiar e profissional, sendo que todas as outras evidenciam concordância com os argumentos apresentados pela Igreja. Embora a Igreja Católica tenha já reconhecido o papel das mulheres no domínio público, continua a insistir na ideia de que o espaço das mulheres é, por excelência, o da família (Papa João Paulo II, 1995).

As participantes consideram que as mulheres devem ser educadas para ser mães e esposas o que, mais uma vez, converge com os discursos oficiais da Igreja Católica. A vocação da mulher terá que ser para o amor, tendo ela o dom do acolhimento (Papa João Paulo II, 1988). Na realidade, as mulheres são descritas em função da natureza, da sua condição biológica, da sua capacidade de gerar vida (Papa João Paulo II, 1988), existindo por isso sempre em função de um outro, que delas depende (Congregação para a Doutrina da Fé, 2004).

Os homens são descritos pelas participantes como sendo naturalmente diferentes das mulheres, embora complementares. É interessante notar o modo como esta assunção incorpora, em definitivo, o discurso oficial da Igreja Católica, que segue aliás a tendência de outros discursos socialmente legitimados, no âmbito dos quais se faz a apologia da diferença e da complementaridade dos sexos (Papa Bento XVI, 2009). Assim, a igualdade resultará da capacidade dos sexos se complementarem na diferença. Interessante constatar que o Papa João Paulo II (1988) afirmou, num dos seus textos, que o corpo humano é caracterizado pela masculinidade e pela feminilidade, sendo o homem e a mulher chamados a existir reciprocamente um para o outro, operando cada sexo na especificidade dos seus domínios de género. Esta existência recíproca e complementar é, quase sempre, invocada para explicar as diferenças entre os sexos. Sendo defendida pelas irmãs religiosas, a igualdade depende do reconhecimento das diferenças entre os sexos e da sua preservação.

¹ Curso de 4 anos que habilitava para a docência no ensino primário, durante o Estado Novo.

² As entrevistas serão numeradas para que se mantenha o anonimato.

A masculinidade é, para estas mulheres, referenciada como uma condição exclusiva dos homens, sendo estes caracterizados sobretudo pela força física, pela racionalidade e pela autoridade. A instrumentalidade masculina, em oposição à emocionalidade feminina é, inclusivamente, um dos argumentos mais usados para sustentar a tese do binarismo sexual (Amâncio, 1994), nomeadamente pela Igreja Católica. As irmãs religiosas denotam ter interiorizado este discurso e estas representações, usando a natureza como explicação para a polaridade de atributos e aptidões de homens e mulheres.

Assim, quer a masculinidade, quer a feminilidade não podem ser pensadas, de acordo com as participantes, fora da estrutura binária do género. Ser mulher é ser feminina e ser homem é ser masculino. Qualquer ação ou intenção que ponha em causa esta congruência é considerada como desviante ou patológica. Neste contexto mulheres masculinas são encaradas como não normativas e homens femininos como homossexuais. Tal como lembra Judith Butler (1990), a hipótese de um sistema binário proclama a crença da existência de uma relação mimética entre sexo e género, refletindo o género o sexo.

Saliente-se o facto das participantes se perceberem como mulheres femininas, aludindo à sua função de mães espirituais. Acreditam que os outros esperam de si compreensão, sensibilidade e devoção, o mesmo que a Igreja Católica lhes exige - a imitação da vida de Jesus (Papa Bento XVI, 2009). Curioso é notar também que 3 das entrevistadas se consideram assexuadas. De tal forma o exercício da sua sexualidade plena é abolido, por força da devoção a Deus e à Igreja Católica, que a representação que criam de si próprias é a de um ser sem sexo e sem desejo. Os papéis escolhidos pelas irmãs religiosas (ou impostos, diríamos nós) tendem a ser essencialmente assexuados, sendo o voto de castidade uma estratégia de repúdio ou abnegação de uma sexualidade que, a ser vivida, seria sempre em pecado (Knödel, 1997).

No que se refere à sua posição dentro da Igreja Católica, enquanto mulheres, apenas uma das participantes refere a necessidade de agir no sentido da resistência “se as mulheres resolvem fazer greve e não ir à igreja, eu quero ver quem é que lá fica” (Entrevistada nº 2, entrevista pessoal, 3 de setembro de 2010).

As restantes verbalizam aceitar as normas instituídas, almejando contudo algumas mudanças graduais no futuro, nomeadamente um maior reconhecimento do seu papel na Igreja Católica, já que às irmãs religiosas raramente lhes é permitido fazer ouvir a sua voz nas celebrações eucarísticas (Fiorenza, 1985 citada por Toldy, 2003).

Conclusão

A análise que este estudo se propôs fazer não foi indiferente à realidade histórica da Igreja Católica em Portugal, muito particularmente à realidade histórica das irmãs católicas portuguesas. Durante o Estado Novo, por exemplo, a Igreja Católica exercia sobre Portugal uma influência determinante, funcionando como um instrumento de enquadramento político (Martins, 2000).

Este estudo concluiu que o grupo de irmãs religiosas católicas portuguesas entrevistado reproduz, na generalidade, os discursos e as representações oficiais da Igreja Católica, materializando-os quotidianamente através de ações contínuas e repetidas no tempo e nos espaços. Esta continuidade e repetição imprimem às ações uma caráter de estabilidade, aquilo que as expressões de género tendem a fomentar: rotinas e tarefas constantes, rituais estilizados, que no caso das irmãs religiosas assumem ainda um valor mais fundamental. Para estas participantes, as relações sociais de género são percebidas como naturalmente assimétricas, sendo as diferenças sexuais sinalizadas como reguladoras da conduta humana. Sem nunca questionar a importância da igualdade entre homens e mulheres, as irmãs religiosas enfatizam a especificidade dos papéis desempenhados por cada um dos sexos, defendendo a sua complementaridade. Consequentemente, perspetivam a feminilidade e a masculinidade como traços característicos exclusivos das mulheres e dos homens respetivamente, considerando que estes traços conferem a cada um dos sexos atributos diferenciados. Assim, as mulheres estarão mais habilitadas para o cuidado (especialmente pela capacidade que têm de gerar vida) e os homens mais habilitados para o comando e o domínio. A assunção de um sistema sexual binário é por demais evidente nos discursos destas mulheres, reiterando a ordem de género como normativa (Connell, 2009) e pressupondo a obrigação de corresponder integral-

mente às normas prescritas pela natureza (Wittg, 1981 citada por Butler, 1990).

Retomando a proposta de Simone de Beauvoir (1949/1976), de que as mulheres não nascem mulheres, mas tornam-se mulheres, também as irmãs religiosas se tornam irmãs religiosas. Isto equivale a dizer que as suas expressões de género refletem e traduzem os discursos e as representações oficiais da instituição Igreja Católica, profundamente marcados por concepções tradicionais de género. Embora se evidenciem manifestações de resistência - ainda que muito residuais - a adesão aos dogmas parece determinar a adoção de uma postura de conformidade face aos valores e às normas, quase sempre justificada pela fé e pela devoção a Deus.

Relembrando a definição de género de Judith Butler (1990), faz sentido pensar as expressões de género destas mulheres como uma das formas possíveis de existência dentro de um sistema profundamente limitador do potencial reivindicativo das mulheres.

Referências

- Almeida, Leandro & Freire, Teresa (2003). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Educação* (3ª Ed. Rev.). Braga: Psiquilíbrios.
- Amâncio, Lígia (1994). *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Alves, Herculano (1994). Como ler os textos do Antigo Testamento acerca da mulher. Luzes e sombras. In Manuel Silva (Ed.), *A Mulher na Bíblia, na Igreja e na Sociedade. Questões Morais na Moral Familiar* (pp. 12-40). Coimbra: Difusora Bíblica.
- Beauvoir, Simone de (1949/1976). *O Segundo Sexo*. Lisboa: Bertrand.
- Brock, Megan (2007). *Force of Habit: The Construction and Negotiation of Subjectivity in Catholic Nuns* [Dissertação de Doutoramento Não Publicada da Universidade de Western Sydney], Extraído a 17 de julho de 2010, de <http://arrow.uws.edu.au:8080/vital/access/manager/Repository/uws:2379>
- Brock, Megan (2010). Resisting the Catholic Church's notion of the nun as self-sacrificing woman. *Feminism and Psychology*, 20(4) 473-490. doi: 10.1177/0959353509359138
- Butler, Judith (1990). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge.
- Butler, Judith (1993). *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of «Sex»*. New York: Routledge.
- Butler, Judith (2008). Variações sobre sexo e género: Beauvoir, Wittig e Foucault. In Ana Crespo, Ana Monteiro-Ferreira, Anabela Couto, Isabel Cruz & Teresa Joaquim (Org.), *Variações sobre sexo e género* (pp. 154-172). Lisboa: Livros Horizonte.
- Congregação para a Doutrina da Fé (2004). *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do Homem e da Mulher na Igreja e no Mundo*. Prior Velho: Paulinas.
- Connell, Raewyn (2009). *Short Introduction Gender*. Cambridge: Polity Press.
- Knödel, Natalie (1997). The Church as a Woman or Women being Church? Ecclesiology and Theological Anthropology in Feminist Dialogue. *Theology and Sexuality*, 4(7), 103-119. doi:10.1177/135583589700400708
- Martins, Manuel (2000). *O Estado Novo e a Igreja Católica em Portugal (1933-1974)*. Atas do IV Congresso Português de Sociologia, Extraído a 5 de julho de 2010, de http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462e076ebe701_1.PDF
- Mills, Albert & Ryan, Catherine (2001) Contesting the spiritual space: patriarchy, nureaucracy, and the gendering of women's religious orders. *Journal of Critical Postmodern Organization Science*, 1(4), 60-79.
- Papa Bento XVI (2009). *Mensagem aos Participantes no Congresso sobre o Papel da Mulher na Promoção dos Direitos Humanos*. Mensagem enviada para o *Cardeal Renato Raffaele Martino* para o congresso sobre o papel da mulher na promoção dos direitos humanos, Vaticano.
- Papa João Paulo II (1988). *Carta apostólica Mulieris Dignitatem do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher por Ocasião do Ano Mariano*, Extraído a 5 de setembro de 2010, de http://pt.almas.com.mx/almaspt/artman2/uplo ads/1/mulieris_dignitatem_portugues_.pdf
- Papa João Paulo II (1995). *Carta do Papa às Mulheres do Mundo Inteiro*. Viseu: Rei dos Livros.
- Pereira, Maria M. (2009). Fazendo género na escola: uma análise performativa da negociação do género entre jovens. *ex æquo*, 20, 113-127.
- Toldy, Teresa (1998). *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*. Lisboa: Editora Paulinas.

Toldy, Teresa (2003). A questão da igualdade e da paridade no interior da Igreja Católica - Da hiper-ritualização da imagem da mulher aos discursos feministas. In António Sousa & Marília Favinha (Org.), *Falar de Mulheres. Da Igualdade à Paridade* (pp. 247-259). Lisboa: Livros Horizonte.



EMANUEL OLIVEIRA

Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde. Psicólogo. Instituto Superior da Maia (ISMAI).

ANA SOFIA NEVES

Doutorada em Psicologia Social. Docente e investigadora no Instituto Superior da Maia (ISMAI).

ENDEREÇO DE CONTATO

emanuelvo_1@hotmail.com
asneves@docentes.ismai.pt

FORMATO DA CITAÇÃO

Oliveira, Emanuel e Neves, Ana Sofia (2012). Performatividades de Género: Discursos e Representações de um Grupo de Irmãs Religiosas Católicas. *Quaderns de Psicologia*, 14(2), 7-13. Acesso em [dia] do [mes] do [ano], de <http://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/923>

HISTÓRIA EDITORIAL

Recebido: 09/03/11
1ª Revisão 27/06/12
Aceitado: 25/10/11